



Galato



Visado pela Censura do Porto OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES **Ano V—N.º 117**
Preço 1\$00

Redação, Administração e Propriedária — Casa do Galato | Director e Editor: — Padre Américo | Comp. e Imp. Tip. Nun'Alvares-R. Santa Catarina, 628-Porto
PAÇO DE SOUSA | 21 de Agosto de 1948 | Vales do Correio para CETE

Artigo do Fundo

Colónias de férias da Senhora da Piedade



NUM destes domingos, apareceu aqui um visitante e aproveitou a hora da entrada para o refeitório, a qual mostra ser um documento importante da desordem da nossa Aldeia. Tanto, que eu quero dar-lhe a supremacia e inseri-la neste fundo.

Claro está que toda e qualquer explicação que eu tentasse dar, seria uma redundância. A fotografia é exacta. Contudo, eu não tenho que não chame a atenção de Vossas Excelências para a bicicleta. É o Chico de Casalredo que está a cavalo nela. Ele é da Casa do Porto e veio cá fazer o fim de semana.

Uma coisa que não vem aqui no retrato, e é verdade, é o Cête mai-la sua bicicleta. A dele não é esta, é outra.

Não posso dizer que cada um tem a sua, mas temos cá muitas. Aonde houver uma rima de tábuas velhas, aí está um artista, com pregos velhos, a fazer bicicletas nas horas de recreio. Pois o Cête, que tem a dele no seu escritório, mal toca pró jantar, o rapaz monta e segue montado até ao fundo das escadas. Uma vez ali, desmonta-se, pega nela às costas e coloca-a no refeitório em sítio de onde a possa ver enquanto come. Este cuidado excessivo vem-lhe da pouca confiança que é deposita nos seus companheiros... mas o Cête não merece, porquanto, antes de ter esta que é dele, andava sempre a cavalo na dos outros.

Todos os anos os garotos da rua encontram nesta esplêndida estância de repouso uns vinte dias de retemperamento físico e espiritual, que lhes recordam, pela vida fora, gratas recordações de inenarrável doçura.

Estas colónias de férias principiaram a funcionar ainda antes de qualquer casa da Obra da Rua. Foram o berço das Casas do Galato. Após aquele tão curto período de lento caminhar para uma vida com condições de civilidade, os rapazes eram de novo expostos aos vícios tirânicos da rua, amarfanhando, na voragem veloz de todos os perigos, aqueles princípios de luz que haviam recebido enquanto desfrutavam os bons ares do campo e a sadia alimentação das colónias. Para salvá-los e poder continuar a obra de regeneração, tornava-se necessário que esses curtos dias se prolongassem até à completa integração dos rapazes, colocando-os em seguida num meio social que lhes garantisse, mais tarde, a sua estabilidade de carácter e os tornasse homens de trabalho útil para si e para os seus semelhantes. E assim, com este pensamento, nasceu a Casa do Galato de Miranda do Corvo.

Mas que fazem os rapazes durante os dias que preenchem o seu turno, nas colónias? Naquele local de soberba magestade natural; de bellissimas vistas que recreiam os olhos do corpo e colocam em êxtase celestial os olhos da alma; de imponentes declives que nos oferecem as vestidas serras que circundam o vale e convidam o viajante à prática do alpinismo do corpo e do espírito, colocando-o em seguida, lá em cima, em profunda contemplação meditativa; naquele local onde o materialismo dinâmico da vida nos não perturba os sentidos—o rapaz goza ali o conforto e o carinho que lhe falta em casa e, sobretudo, na rua.

Depois de feitas as devidas inscrições, chega enfim a hora da partida. Na Estação Nova vai uma algazarra infernal. São as mães com um rosário infinito de recomendações; são os rapazes, que ficam ainda em terra, com o «deixe-me ir desta vez», de mistura com as alterações que fazem entre eles no vocabulário muito peculiar e original, onde entra toda a casta de palavrões. O comboio parte. Das janelas acenam-se lenços

nuns brancos nus e descarnados. Para uma viagem que não chega a três quartos de hora, abrem-se os sacos e tudo quanto vai de comestível dentro deles se devora numa merenda sem fim.

A chegada não é menos espectacular. Olhinhos abertos para as belezas naturais, como que trocam impressões mudas de espasmo. Os corações já pressentem as mensagens de alegria que vão receber, longe do cinismo e egoísmo do mundo. A sopa com o pão já os esperam na mesa. A acção de graças balbuciada pelas boquinhas deles traz consigo a admiração de quem nunca a proferiu. Procedem-se em seguida à escolha dos maiores e menores porque as camas aguardam-nos para um sono reparador, longe do bulício e do torvelinho das paixões mundanas.

Acordam por volta das 7 horas e a algazarra é o toque de clarins para se levantarem. Feitas as orações da manhã, na Capela, que para eles é novidade, bebem café e comem pão à vontade. Arrumam depois as camas, varrem os sobrados e tem obrigações que são feitas a muito custo. As mais predilectas são as da cozinha (já se sabe porquê...) e as do ajudante de padeiro, que é um gaiato da Casa de Miranda do Corvo. Os «humedecidos» lavam os respectivos lençóis como «prémio». Segue-se, até à hora do almoço, um período de recreio, proficientemente bem orientado. Passeiam pelas escarpas dos vales e procuram-se riachos para chapinarem. Chovem as primeiras pedradas e aparecem rachadas as primeiras cabeças. Há sangue mas há também tinctura de iodo. E aqui está o papel difícil dos abnegados dirigentes. Três seminaristas (dois finalistas de teologia e o outro finalista de filosofia) sacrificam as suas férias para incutirem no espírito destes rapazes princípios de educação e civilidade. A disciplina lá vai entrando lentamente naquela babel de desordem.

Regressam para almoçar com um apetite devorador. Forma-se «bicha», com as palmas das mãos voltadas para cima, afim de habituá-los à limpeza, que nunca conheceram. Comem sopa, conduto e pão até a barriga fazer proeminência. Alguns há que, com o peso, tombam ao chão e por lá ficam até que outros os levantam aos «pontapés delicados» no assento, com a intimidação—«é bucha, levanta-te!»

Segue-se uma sesta, aliás bastante contrariada com o temperamento irrequieto destes rapazes. Não estão afeitos a esta necessidade e luxo, sendo um castigo para que se conservem sossegados. Mas eles já sabem que o banho os espera e os ânimos lá acalmam com muita paciência. Ao banho, é preciso obrigá-los a retirarem-se, pois que, por vontade deles, lá passavam todo o dia, lá comiam e dormiam.

Merendam a seguir ao banho. Pão com marmelada, sardinha assada ou bacalhau. Mais um pequeno passeio e vem uma pequena aula de catequese ao ar livre. Se «importa educar o corpo, praticar a higiene e o exercício, importa também, e mais ainda, elevar o espírito, enriquecer a alma, possuir ideal», e estas aulas de catequese não têm outro fim senão prepará-los para o perfeito desenvolvimento do espírito. Nelas se dão noções essenciais, fórmulas indispensáveis para poderem comungar e ideias principais sobre doutrina.

Aproxima-se a hora do jantar. Para poderem dormir bem, só tem a esta refeição sopa e pão, — — — Continua na 2.ª página — — —

VIAGENS

Eram 4 da madrugada, quando ontem, domingo, saí da nossa Aldeia para a Figueira da Foz, pedir. Tinha chovido. Fazia escuro. No silêncio das casas, dormia em camas de lavado um mundo de crianças que nunca tiveram cama. Este foi o ponto da minha meditação daquela manhã. Eu antes quero fazer orações do que rezar as dos livros. Na Figueira responderam: Quasi sete contos. Como lhe tivesse cheirado a dinheiro, P.º Manuel apareceu e...

Entreí na Leprosaria Rovisco Pais por uns minutos. E' na Tocha. Eu não tinha mais tempo. O porteiro recalcitou mas depois deixou entrar. Entreí na Capela aonde alguns fiéis demoravam em oração. Fora, viam-se grupos. Era domingo. Tinha sido a missa. Gente de todas as províncias, pelo pouco que eu ia observando. Estava ali a capela. Outros edificios com outras aplicações, viam-

-se ao longe. Os leprosos iam explicando. Soube dum bairro para famílias dentro do recinto, mas lá muito longe. Soube de creches, de patronatos, de asilos, de tudo.

Era agora aqui o ponto de rasgar louvores às sumidades que fizeram tanta coisa. Era. As sumidades gostam de elogios. Até eu, e mais não sou sumidade. Nós todos gostamos que digam sempre e bem de nós, tal o medo que temos da nossa pequenez.

Porém não foram as Obras feitas que mais me encantaram. Vi ali outra obra que me apaixonou: a lepra. Os leprosos. Obra de Deus. Fugí com medo de ali ficar. Ainda trago no meu peito os rostos desfigurados daqueles com quem ali falei. Trago-os a eles e não sei porquê, trago, também, o padre Damião. Mas eu não posso ali ficar, eu não podia ali ficar por amor de outros leprosos pequeninos...

Colónias de férias da Senhora da Piedade

Continuação da 1.ª página

isto para não sobrecarregarem o estômago. Quando o crepúsculo vespertino se avizinha, reza-se o terço ao ar livre, com o luar a bater-lhes suavemente no rosto já tisonado por um dia de sol vivificante. Lavam-se, depois, os «pêses» (pés) e aí vão eles para a cama com muita repugnância, pois que não estão ainda habituados a deitarem-se tão cedo, o que exige certa vigilância da parte dos dirigentes. E esta vida de um dia repete-se durante os restantes, com poucas alterações, salvo a perfeição que eles vão adquirindo na sua maneira de ver.

Todos se integram, mais ou menos, nesta vida de colónias de férias. Os mais independentes da família, os que nunca souberam apreciar os carinhos dos entes familiares, são os que melhor se adaptam ao ambiente. Aqueles que escrevem aos pais lá vão dizendo que «comem e dormem bem». Às vezes, as saudades da rua fazem com que um ou outro tente uma fuga, mas depressa se arrependem e voltam atrás quando já vão a meio do caminho.

Passados cerca de vinte dias vem o da partida, que é o dia indicado para a grande festa de despedida. Este dia é preparado com a convicção de que é o mais importante de todos, conjugado com a alimentação da alma e do corpo. Devidamente preparados na catequese, confessam-se no sábado e no domingo seguinte, de manhã, comungam à missa, com cânticos religiosos entoado por eles, tudo realizado com muita solenidade. Vestem a sua melhor roupinha e alguns há que ficam comovidos, com as lágrimas nos olhos, à prática comovente do sacerdote. O almoço é melhorado com vinho e arroz doce. Sobem cânticos e vivas ao ar pelo Pai Américo e pela cozinheira, a esta em homenagem pela opípara alimentação.

Partem com saudades. Todos levam, debaixo do braço, um pão bem grande com que irão prender as famílias.

Isto durante três meses, em turnos de cerca de 40 bocas, num período de quinze a vinte dias, devido ao esforço desinteressado dos dirigentes, que oferecem as suas férias ao melhoramento da condição de vida destes desprotegidos da sorte.

Se a entrada na rotina da vida da rua lhes faz esquecer alguns dos seus princípios que receberam, alguma coisa há-de ficar no subconsciente deles, e na altura devida salvá-los-á de maiores perigos. Será essa, e só essa, a compensação do esforço dos dirigentes incansáveis.

H. F.

P. S. — Este artigo deveria ser escrito pelo sr. P.ª Manuel, o incansável organizador das colónias de férias deste ano, mas os seus inúmeros afazeres não lhe permitiriam ainda que a sua pena fulgurasse nas páginas do «Famoso».

Nota da Quinzena

Começam as uvas a amadurecer na nossa aldeia. Os primeiros cachos já deram sinal e já foram a elas, segundo ontem informou o maioral da casa. É difícil segurar. Muitos rapazes, muita largueza, muitos cachos. Aonde a abundância, aí a tentação. É difícil segurar, sim, mas não impossível. Eu já dei os passos necessários para que nenhum dos habitantes da Casa do Gaiato toque num cacho de uvas. Já dei. Entabularam-se relações com um senhor do Douro, dono de grandes vinhas.

Se é despachar para a estação de Cête, semanalmente, uma remessa, de forma que os rapazes tenham aqui merendas de cachos d'uvas, temos necessariamente assegurado o respeito e a fidelidade às normas da casa. Ninguém duvide. É próprio da natureza do homem, a menos que tenhamos cá por casa algum degenerado.

Mesmo no caso de homens feitos, estas armas conquistam e regeneram, quanto mais tratando-se de educação de menores!

Exemplo. Um senhor de teres, habita num lugar, mais ou menos infestado de gatunos. Galinhas. Coelho. Ovelhas. Porcos. Hortas. Frutos. *Ontem à noite roubaram-me*, é grito mui frequente soltado pelo povo daquelas redondezas. Pois o homem de teres, não. Ele sabe. Conhece os gatunos. Abre-lhes ele mesmo as portas da casa e dá-lhes de comer. Resultado? Nunca lhe faltou coisa nenhuma!

Evidentemente que isto não são normas sociais de tratar gente que rouba. Não são. Há o regedor, os juizes, os meios conhecidos e ado-

Do que nós necessitamos

Mais estes 100\$00 do meu primeiro ordenado. A nota vinha dentro de um envelope silencioso e foi deixado no *Espelho da Moda*.

A Menina Ema, não é somente a empregada da Caixa daquele estabelecimento. Não é. Ela acumula. É também recoveira. Recoveira dos Pobres. Já vai em mil duzentas e trinta e seis, o número de encomendas que lhe tem passado pela mão e ela guarda, vigia e entrega, fielmente.

Sublime Porta, chama-se ao parlamento, não sei bem de que nação no Oriente.

Chama-se, mas não é. A porta sublime é o número 54 dos Clérigos. Vai a caminho de dois mil o número de devotos que por ela tem passado, em cumprimento das suas promessas:

Estes 100\$00 do meu primeiro ordenado.

Mais 150\$00 e mais 500\$00 e mais e mais e mais! Que força! A força da alma. Nem o nome, nem um sinal que marque o sacrifício, nem um pedido de retribuição. — Nada! Nadinha!! A mão direita, recatada, escondida; eu ia a dizer envergonhada. A mão do Evangelho.

Oh mãos preciosas e felizes; mãos inteligentes, que sabeis fazer amigos verdadeiros do mesmo dinheiro com que outros (e são tantos!) fazem inimigos!

Mais 6 peças de riscado que nos vieram cá trazer juntamente com uma batelada de pasteis finos. Um cento deles!

Como não podia deixar de ser, o Pirulas tentou ir ó cêsto onde eles estavam, e tê-lo-ia feito, se o Cête não tivesse observado e acudido a tempo. Ainda assim, desapareceram duas peças. Quanto a mim, ninguém me tira da cabeça que foi o Pirulas, embora ele negue a pés juntos.

Cesteiro que faz um cêsto...

Fez-se a distribuição no próprio dia, para evitar mais desastres...

Começou-se pelos *Batatas*, passou-se aos pequenos, entrou-se nos médios, mas prós grandes já não deu. Estes viram os outros a comer e ficaram muito contentes.

Mais roupas e mais roupas e mais roupas. De todos os pacotes retiramos as amorosas legendas: *Pode-se usar que são de gente saudavel.*

Relíquias de vivos. Relíquias de mortos. Podemos beija-las com devoção, que o amor do próximo, é semelhante ao amor de Deus.

Sobretudo uma sala e blusa para a do feixe da lenha, a dizer que pode usar sem receio e a pedir que reze por alma de Tereza de Jesus. Que maravilha! Saia e blusa tão limpas e tão pobres, que parecem ter sido de quem andou também à lenha!

Mais um casaco primoroso. *O rapaz que o usou é meu irmão, casado, limpo e saudavel.* Não sel que mais gabar, se a apresentação, se a coisa apresentada. Mais mil escudos. Mais livros. Mais revistas infantis.

Mais pano branco para uma camisa: — *é para a pobre do Xanxaxé.* Ele tomou conta, falou às costureiras e entregou. Alegria de quem oterece o pano, alegria do orfão que manda fazer, alegria do Pobre que a veste. Todos os contratos com pobres verdadeiros, são fontes de alegria.

.....

tados para nos defendermos uns dos outros. Sim. Isto é o que em regra todos nós fazemos. Mas nem todos o fazem.

Pode muito bem acontecer que aquele homem de teres também assim proceda para se defender. Talvez não haja no espírito d'êle a intenção alta de regenerar por um acto de amor. Talvez. Mas não importa. Defende-se bem. Compõe-se com a vizinhança. Faz amigos. Conquista com armas brancas.

Outro caso, mas este de verdadeira regeneração. Era um operário, que nas horas mortas da noite, saía aos caminhos. Estava ele esperando um determinado sujeito, que havia de passar ali de regresso de uma feira. E' noite. Aí vem o sujeito. O operário adianta-se.

— Pare e deixe cá ver!

Enganou-se. Saiu-lhe um outro homem, muito seu conhecido que lhe diz: *E's tu, fulano; não te fazia aqui.*

Retiraram-se. No dia seguinte, a vítima mandou 2 alqueires de milho ao ladrão, e guardou silêncio. Ainda viveram muitos anos. O que soube perdoar e esquecer, experimentou a suprema alegria de ver no mundo um homem regenerado. Nunca mais saiu ós caminhos!

Eis a verdadeira doutrina. O que vale, são as brazas a queimar as mãos. Estas brazas, são o bem que se faz a quem nos faz mal. Brazas incandescentes. Fogo!

Eu cá sou contra a pedincha profissional. Nunca dei nada a quem não conheço, não importa palavras, atitude ou traje de quem pede. Não dou.

Mais um vale de 141\$00 dos Funcionários da Junta da Marinha Mercante. *Foi o que deu o mês* e é muitíssimo por vir de quem vem. Mais latas vazias. Um rôr delas. Latas de folheta, — uma riqueza e parece que não! Nós gostamos destes nadas; os vossos nadas. Nós vazamos os vossos Lares, sem sermos o vazadoiro.

Quanto amor, nesta oferta de latas vazias, — quanto! E que grande sinal de ordem e de economia na casa de onde elas vieram! E como é doce o não saber-se quem deu! Ficam as almas em suspenso, — quem teria sido? E advinha-se a mãe de filhos, que depois de as ter esvaziado do precioso líquido, encheu-as de alegria! Cá estão elas na nossa aldeia, aonde nada escapa e nada se vinga, a não ser pela quantidade; elas são pró café e pró leite e pró vinho e prá água — e para deixar na borda dos campos, esquecidas!

Mais um. *E' pequenina a importância, mas é o produto de algumas horas de trabalho extraordinário e obrigatório aos Domingos.* O artigo define trabalho pessoal, o produto.

Não diz um produto. Outros darão o produto do trabalho d'outros. Este, — não... E' trabalho seu.

A pessoa que dá a pequenina importância (tão grande!) chama-lhe um sacrifício, por nem sempre, por causa daquelas horas, lhe ser possível cumprir o preceito dominical e termina — *Seja este sacrifício por Deus, empregado numa obra de Deus.*

Eis aqui um mundo de doutrina. Uma hora obrigatória de trabalho prestado aos domingos, é um acto honesto, que nada pode denegrir. E' uma obrigação. Desta obrigação, vem o sustento necessário à família. Mas a pessoa vai mais longe. Fala em mágoa. *Deus sabe com que mágoa eu não assisto à missa inteira.* Por isso mesmo, chama sacrifício àquela hora obrigatória. Mais doutrina.

Claro está que a mágoa de não cumprir, não substitue; não supre a obrigação. Como podia fazê-lo? A Missa não é um acto humano. Mas valorisa a acção da pessoa; faz dela um acto de culto a Deus.

Aonde houver sacrifício, há necessariamente amor. Mais um opusculo que o autor me envia e dedica a fulano, (eu) a quem chama servo de Deus, na Obra da Rua. Nunca vi coisa mais acertada. Nunca vi nem conheço o Autor; tão pouco ele a mim. Mas deu no vinte: servo de Deus na Obra da Rua, — pronto.

Mais 50\$00 de Lisboa. Mais 40\$00 de Oliveira de Azemeis. Mais 100\$00 de algures.

Nós somos o mealheiro; a caixa das tuas esmolas.

Mais 70\$00 de Mormugão. Por onde a gente anda! Mais 120\$00 de uma reunião no Café Imperial. Nós somos lembrados em todos os sítios! Mais 40\$00, daquela pessoa que costuma dar metade, regularmente. E' o anónimo B. Manda para aqui, manda para Miranda e não sei se o faz também para o Tojal. A letra é a mesma. Pede por favor que aceitemos, em todas as cartas:

Rogo por favor de aceitarem esta pequena lembrança.

Eis aqui alguém que sabe dar com todas as letras. Mais 50\$00 de Lisboa. Mais 200\$00 de Lisboa. Mais 100\$00 de algures, a pedir que ande eu prá frente com a campanha da Mendicidade, tudo no sentido de um importante artigo de fundo, saído há tempos neste importante jornal. *O seu jornal já é bastante lido para que a campanha produza efeitos úteis. Não largue mais o assunto.*

Largo, meu senhor. Quê remédio tenho eu senão largar. O jornal é pequenino, sai à rua poucas vezes, são muitos os cronistas, extensa a matéria das crônicas, — como posso eu fazer campanhas?!

Se um dia eu fôr a ministro, então sim. Vão logo dois decretos pró Diário do Governo, de um só artigo. Ei-los.

Quem fôr apanhado a dar tostões na rua, vai prá cadeia.

O outro é semelhante:

Nos contos do vigário, o comido é que vai preso.

Semelhante, sim. Há certa afinidade nestas transacções da rua. São contratos da rua. A rua, não dá para coisas sérias.

Ora aqui tem, meu sehor. E mais nada.

De como tem sido a venda do famoso

Progresso. O jornal, diz sempre a mesma coisa, mas tem graça que não enfada! Não só o não faz, senão que ainda vai despertar noutros apetite de lêr!!

Oh homem, não te conheces, nem sabes a riqueza que abrigas no peito! Todos estão preparados para receber a doutrina do Gaiato; todos. Não importa credos, nem cores, nem posições, nem cultura. E' desde a creada de servir até ao mais alto funcionário. Todos. Porquê? Porque todo o homem aspira à sua pátria. Quer. Gosta de ouvir noticias da sua pátria. Nós não temos aqui morada permanente...! As noticias do mundo aborrecem. D'aqui, a expansão do famoso.

Cheguei ontem ao Lar do Porto. De véspera, tinha sido dia de venda. Entro a porta, e o Augusto vem direito a mim, furiosamente. Ele fôra um dos vendedores. Ele é um galante miudo, outrora perdido pelas serras de Trás-os-Montes, e hoje instalado no que é seu. E' um dos muitos nossos desconhecidos. Não se sabe nada. Pois o Augusto, prende-me com os seus olhos e dá o recado: *Um senhor que me compra o jornal por 20\$00 disse que me não quer vêr rapado e pede para V. me deixar cortar o cabelo à homem.* Os olhos do rapaz faiscam enquanto a resposta não saía dos meus lábios. Safu. Sim.

Eis aqui uma prova do progresso. Não é só lêr, e já era muito que assim fôsse. Não é. E' lêr e interessar-se: *O senhor não me quer vêr rapado.*

Sei de um senhor do Porto, que ao vêr todas as quinzenas um grupo de rapazinhos fidalgos a vender o nosso jornal, cuidava que eram filhos de famílias de boa vontade, dados à tarefa de ajudar a nossa obra. Um dia inteirou-se da verdade e agora, não cessa de namorar os vendedores. Persegue-os. Chora. Ama. Já passa dos sessenta. Só hoje deu fé de si mesmo. Nunca se conheceu! Quantos assim! Quantos homens, perdidos por lá, tropeçam hoje na leitura de *O Gaiato* e caem... de joelhos!! E' Jesus Nazarêno que passa. Ele é o Senhor. Mais nada.

Orça por dois mil exemplares o numero que os rapazes despacharam na derradeira venda. Ainda ninguém tirou dos ombros do Abel a camisola amarela. E' êle que a tem. Tão miudo que passa por nove anos de idade, — e já fez treze! Temos muitos assim. Quási todos são assim. Deu aqui ontem uma mulher com duas creanças: uma de peito, outra pela mão. Eram filhos.

Já tinha feito nove anos, o da mão, e ficou instalado na camarata dos *Batatas*, de miudinho que é! Fome lenta! Creanças em suplicio!

Aqui há tempos ia no *Morris*. Deu-me na vista uma casa apalaçada no meio de campos. Parei. Estavam uns homens na berma da estrada. Perguntei. Buli na questão social, em termos compreensíveis por homens do povo. Não tardou a resposta:

Eu só queria para mim o que naquela casa se deixa perder.

Dito d'esta, dito de um mundo d'elas! *Poupai, ó ricos do século.* Eco de uma verdade eterna!

Os que foram às Praias, deram conta. Trouxeram, sobretudo, assinaturas. Ora isto é o que a gente precisa. Assinaturas. Muitos assinantes.

O Carlos Inácio vendeu na Figueira da Foz. Assim no disse ontem, chegadinho de Coimbra. Ele vem passar aqui as férias grandes, depois dum ano de matérias difíceis do Liceu.

Foi êle, e o Leiria e o *Bucha*. Não confundir êste *Bucha* com o de Paço de Sousa. Aquêle é de Miranda. Nós temos *buchas* em todas as casas. Aonde houver abundância de borôa cosida, há necessariamente o perigo dos *buchas*.

Mas vamos ao caso.

—Que tal a venda?

—Boa. Vendemos cem cada um.

O rapaz faz uma pausa e explica o sucesso. Eu reproduzo: a gente saímos de Coimbra no primeiro comboio. Chego à Figueira e vamos para a praia, mas os senhores andam todos de fato de banho e não trazem o porta moedas. Então que fazemos? Fazemos assim. Andamos por lá toda a tarde e à noite, acaçamo-los às portas do Casino e então é que é. Vendemos tudo. E' uma noite de sono perdida. A gente sai da Figueira à meia noite menos um quarto, sim,—mas acaçamo-los todos.

Aquêle verbo *acaçar* é terrível. E a persistência? E o espirito de sacrificio pela Causa?! *Uma noite perdida.*

Diz o P.º Adriano na sua derradeira crônica, que na abegoaria de Coimbra e sala interior aonde os esterqueiros permanecem, vê-se na parêde um aviso, promanado dos senhores da Camara: *O estêrco é uma riqueza nacional; é preciso aproveitá-lo bem.*

Nós cá andamos, meus senhores. Nós cá

Não sei se já aqui disse que, sem ser nada, tenho de fazer de engenheiro, arquiteto, mestre d'obras, sociólogo e jornalista, enfermeiro, aia de meninos e moço de fretes.

Pois eu quizera ter tempo para ler o que dizem os especialistas sobre qualquer destes assuntos, mas é impossível. A seara é longa e os operarios são poucos...

Contentamo-nos com ler o Evangelho e o resto tiramo-lo da cabeça ou do livro de natureza. Aqui os gaiatos também nos ensinam muita coisa, até quando nos quebram a cabeça com um barulho infernal.

Ultimamente tenho recebido muitas cartas, ora incitando a continuar (há quem nos queira acompanhar aos tribunais, se tanto fôr necessário) ora a desistir porque há verdades que fazem doer. Agradecendo a boa vontade duns e doutros, peço a caridade de nos advertirem sempre que houver calinada. Posto isto, vamos ao

1.º Ponto: JUVENTUDES

Tem vindo aqui muitos Rapazes e raparigas de emblema ao peito. Fazem muitas perguntas sobre o numero de gaiatos que temos e esperamos receber, donde vêm, família etc. etc. Eu, que sou curioso, também faço as minhas perguntas: que tem feito pelos pobres, pelas obras sociais e paroquiais. Aparece um ou outro vicentino e mais nada.

Diz-se que a vida do homem é como a piteira que só dá flor uma vez na vida. E' na juventude. Sim; a juventude é a idade do ideal, da generosidade, do heroismo, mas a desordem do mundo, da vida social de hoje, da dissolução dos costumes e propagandas pornográficas, adormeceram no fundo da alma da gente nova estas virtudes que dão sentido à vida. Essa planta que podia estar carregada de frutos, cal por terra roida pelo verme dos vícios. E' triste.

Ora, porque se não encaminham para o campo social, e para as obras de caridade as energias da gente moça que traz ao peito o seu distintivo? Quanto folguei quando há tempo li na resposta ao relatório enviado às autoridades competentes, aquela palavra de censura e de orientação: vida de piedade só—não basta; de apostolado—não é tudo; trabalho intenso no campo social—isso sim.

2.º Ponto: ASSOCIAÇÕES

Todos os que lêem a história das nossas confrarias, são unânimes em dizer que a principal missão delas era a prática das obras de misericórdia. Assim dizia a letra e o espirito estava conforme. Mas não sei que voltas o mundo deu, que, nos nossos dias, em muitas terras pelo menos, sabemos q'ie existem confrarias porque aparecem uns homens de opa nas procissões. O que os «montepios» fazem por essas aldeias fora, com os seus gados, não o fazem as confrarias com os próprios confrades. Como nos hão-de reconhecer como discípulos de Cristo, se em tão pouca conta temos a caridade? —Ela, a marca dos verdadeiros discípulos.

Nesta região em que nos instalamos, não há igrejas, há clubes; não há associações, há sociedades recreativas. Pois eu dou graças a Deus

andamos a aproveitar. Nós somos os esterqueiros. Pena é que as Camaras nos paguem tão mal.

Mas tornemos ao caso.

O rapaz prossegue na sua narrativa. Eles são fulgurantes. Nada mais belo do que dar-lhes a palavra — o sol a nascer! O nosso sistema de cicerones, faz os encantos de quem nos visita. Porquê? O rapaz a falar. Eis.

Comeram em casa de umas senhoras de Vizeu.

—Então que foi?

—Foi sopa e carne e batatas e outra vez carne de outra qualidade e foi sobrezeza e por cima de tudo uma cebolada.

Eu quedei a cismar. Uma cebolada! O rapaz adivinha-me e explica.

—Sim. Foi uma cebolada de laranjas e pêras e bananas dentro de um copo, tudo muito docinho.

Ora eu só tenho a dizer bem das Senhoras de Vizeu. Só bem. Elas puzeram o coração na meza e serviram com ele o Estêrco Glorificado. Sim. Só bem. Mas um nadinha de inteligência, também é precisa. E' assim: Vai-se à cozinha, manda-se servir um prato de caldo, uma fatia de pão, um pratinho de conduto e acabou. *Ceboladas*, não. Não é necessário.

Eles ficam contentes; estão afeitos àquela conta e estranham se lhes dão mais. Ora vamos a vêr quem é que me ajuda a pôr as coisas no seu devido lugar. Vamos a vêr.

AQUI, LISBOA

quando me dizem que um pobre tuberculoso recebeu dois mil escudos do clube para remédios. Isto é frequente.

Ora se o clube olha pelos infelizes, por que não a Igreja? Se a «estudantina» pratica a filantropia, por que não pratica a confraria a Caridade?

Um dia pedi aos Discípulos de S. João que oferecessem um sacrário a uma igreja que há trinta e oito anos estava sem ele.

O presidente fez uma cara feia e mais nada.

Tambem disse no Montepio que havia uma casa que precisava de remédios, e os remédios apareceram, como apareceu uma maquina de costura, uma máquina de escrever, meia tonelada de vidros e muitas outras coisas.

Contudo uma das pessoas empenhadas nesta cruzada, sinceramente suspirava *«quem me dera ter fé.»*

Como só lelo o Evangelho, aqui vai mais uma referência pequenina. Um homem tinha dois filhos. Disse a um: faze isto! Ele respondeu: Vou já, já, meu pai; e não foi. Disse ao outro faze tu isto! Não faço—respondeu. Mas depois, arrependido, sempre fez a vontade ao pai. Qual foi o melhor filho? O que cumpriu. E' pelo fruto que se conhece a árvore.

3.º Ponto: A PROVA REAL

Acabou há dias a sua formatura, com alta classificação, um Rapaz, de Coimbra. Visitava os pobres, trabalhava no Lactário, apaixonou-se pela Obra da Rua.

Sobre ela tem feito conferências e desenvolveu a sua tese.

Na semana passada foi até Miranda; queria pagar uma dívida — dívida de amor que se não paga com dinheiro. Vestiu um fato velho e ao lado dos carpinteiros aguentou-se a semana inteira de serra e plaina na mão.

—Senhor Doutor olhe o sangue, as «borregas» diziam-lhe os camaradas; mas o snr. Doutor não arreda pé enquanto o sol se não pôs no sábado à noite.

Esta é a Juventude Cristã Portuguesa!!

Mais: De Lisboa, escreve-nos uma rapariga jocista, a pedir refúgio para um rapazinho abandonado, que encontrou nas barracas que visita.

Mandou-se daqui um gaiato para trazer o novo gaiato, mas o outro não apareceu. Com muita mágoa a jocista enviou pelo portador o enxoval que tinha preparado para o seu protegido. Seria para outro. E o portador muito admirado das muitas barracas que viu, contou o resto da história.

A mãe dela, como não gosta de padres, castigou-a sem comer dois dias, por ela ter feito este fatito.

Esta é a Juventude Cristã Portuguesa!!!

P.º ADRIANO

Um visitante à

CASA DO TOJAL

Na minha licença graciosa tive ocasião de ir visitar a Casa do Gaiato de Santo Antão de Tojal, digo-lhe que fiquei encantada com o asseio e o arranjo que se nota por toda a casa.

E os rapazinhos tem um ar tão limpo e tão digno que ninguém dirá ao vê-los, que ainda ontem eram da rua.

O que me serviu de cicerone foi um autêntico «gentleman» como dizem em sociedade. Depois de me explicar tudo, responder às minhas multiplas perguntas, ter-me mostrado toda a casa e quinta, accompanhou-me à porta e ali se deixou ficar até o carro desaparecer. Eu disse-lhe muitos adeuses e êle correspondeu sempre com o melhor dos seus sorrisos; gostei muito dêle, só lastimo não ser rica para poder ajudar muito a obra e salvar tantos rapazinhos que como êsse, podiam ser simpáticos, activos e dedicados (pois êle pareceu-me muito dedicado à Casa).

Tanto naquela, como na de Miranda, como também nesta de Paço de Sousa, os visitantes não avisam, tão pouco nós nos preparamos. Somos tais quais na presença e na ausência, por isso mesmo êles, os visitantes, colhem idênticas impressões.

Não é favor nenhum o que êles dizem; é a verdade. Mas eu vou dizer aqui outra, que anda na bôca do povo: Não há linda sem senão!

Isto é a Casa do Gaiato

O Prata da *Camisolândia*, teve uma semana de férias. Ele é da Covilhã, onde tem sua mãe. A *senhora do Amandio*, sabedora do caso, encheu-lhe o burlnel de mercearia. Acertou. Garantiu alimento para o rapaz e sua Mãe durante os dias de férias, para que fossem verdadeiramente dias de férias. Foram. Assim mo disse, no seu regresso. Ele dividiu o tempo; metade ao pé da mãe e a outra metade aqui em Paço de Sousa.

O Licínio, outro da *Camisolândia*, também teve uma semana de férias. Como não tem família, pediu e foi a Lisboa, visitar as senhoras que por ele se interessaram, tendo passado os oito dias no Tojal. Muito bem. O Carlos Veloso, que é do Porto, pediu para ir gosar as suas férias à Casa de Miranda, aonde esteve uns anos, antes de vir para a sua terra. Muito bem.

O Amadeu de Elvas, já me disse que me trazia uma dúzia de pasteis *Mimó* e uma caixa de ameixas, quando chegar o tempo de ir. Eu, porém, não me fio em promessas. Ele trouxe-me o ano passado uma dúzia de pasteis, é verdade, mas plantou-se ao pé de mim e não arredou enquanto não abri a caixa...! Se bem os trouxe bem os comeu. O Carlos, anda com medo de não ter férias, por estar há pouco tempo na Casa aonde trabalha; e ele morre, se não vai a Tabua, à festa de Nossa Senhora da Glória. Vamos a ver. E outros, e outros, e outros. Eles a crescer e eu a mingar! Aqui há tempos, surpreendi-lhes uma conversa. Eram três. Diziam assim: Ele morre (eu) e nós depois podemos dizer mais tarde aos outros que o não conheceram, que andamos com ele e que comemos com ele e que brincamos com ele. E' verdade. Assim se faz história!

A CHAMOS três rapazes aqui na aldeia! Foi assim: Andava o senhor professor ocupado com as listas de nomes dos rapazes que hão-de fazer o próximo ano lectivo, isto em virtude e por força de um *despacho ministerial*, como vem a dizer no officio do Director Escolar. Andava ocupado, quando chega o fim do nosso livro de assentos, e sobram três rapazes! Três rapazes perdidos! Um é de Baião, outro do Porto, outro de Braga. Este ultimo, foi o primeiro que eu chamei a contas:

— Como te chamas?
— Sou macaco!
— Como te chamas, rapaz?
— Sou o macaco de Braga!
Mandei vir o chefe dele à minha presença, no intuito de colher pormenores.

— Quem é este?
— É o macaco de Braga!
Ora aqui está o fruto da nossa *organisação*. Se amanhã houver uma *sindicância*, — só a cadeia!

Mas o caso tem uma explicação. Ei-la. O itinerante que nos vem bater à porta, não é logo registado. Não é, porque nem todos ficam, e não havia livros que chegassem, se fossemos a escrever a história de cada um.

Ficam umas semanas largas. Vai-se observando o rapaz, e somente depois de termos a certeza moral de que ele é um caso fixe, então sim. Chama-se o antigo vadio a depôr, e passa-se para o livro o seu depoimento. Agora temos de procurar pelas terras de onde eles dizem ser, até encontrar alguém que nos fale.

Na nossa aldeia, tudo trespassa as almas. Até os casos mais pitorescos, são cheios de dôr. *Eu sou o macaco de Braga!*

A Justiça manda e exige que todas as pessoas estejam no seu lugar. Esta creança prega a Injustiça. Prega a nossa Desgraça.

ONTEM estive no Lar do Porto em contas com o Júlio. Era fim de mês, quando os rapazes entregam a sua féria. Convém aparecer, sempre que seja possível...

Licínio, como aqui foi dito, começava então a sua semana de férias e tinha ido de facto para Lisboa, umas horas antes. Como Júlio não estava e o rapaz não queria perder o comboio, que fez ele ao seu salário? Levou-o consigo? Não senhor. Deixou ficar o dinheiro todo nas mãos da governante.

Júlio comenta: *Este não fez como o tal sujeito que está agora na Tutoria*. Sabem de quem se trata. E' do Manuel Sapateiro, caso sobejamente conhecido dos leitores. Ora aqui está. Nem sempre galinha, nem sempre sardinha.

NA ausência do enfermeiro, que foi a Lisboa conduzir o Joaquim Pereira a uma Casa de Saúde, tomou o *Molestia* as suas vezes e passa as manhãs inteiras no posto de socorros a despachar feridos. Tudo corre normalmente. O caso d'hoje, o mais sério de todos e verdadeiramente grave, foi o Zé Sá. Um espetadeira. O Zé Sá espetou uma tacha num dêdo!

Também outro caso de circunstância e de urgência, foi o *Tigelinha*. O *Tigelinha* rachou a cabeça. Pois o *Molestia* deu as voltas precisas e curou.

HOJE, seguiram dois para o Porto, tomar conta do seu emprêgo, o Júlio e o Manuel do Socorro. Este é o *Pirulas*, o famoso lambareiro. Eu jurei-lhas e disse; *se vais pró Porto lambear eu vou-te entregar á Policia da Régua*. *Fostes achado lá e para lá voltas*. Vamos a ver o que o medo faz. Pelo Júlio, não temo. O Júlio nunca veio ó tribunal. Nunca mexeu no que está quieto. Tem 15 anos. Fez um exame bom.

Tem mãe e está no Porto. Anda por lá... De lá tenho medo. Muito medo. Não escondi os meus receios ao rapaz. Mas ele aliviou-me. Pôz-se muito direito, firmou a vista e disse-me, resolutivo:

Não tenha medo. Se ela vier ter comigo, eu sei falar.

Eis aqui o panorama denegrado de um amor fácil; do tal amor livre e delicioso, como muitos querem que ele seja! Por causa d'ele, esta creança da Casa do Gaiato, que não sabe quem é seu pai, também não quer nada com a sua mãe.

Tem os seus mandamentos, este amor fácil: — quarto, desonrar os pais!

Querida não dar à estampa estas coisas tristes, mas como elas são conhecidas e até, por difíceis de curar, se fingem ignoradas, eu gosto de as pregar.

Ai de mim, se as não prégasse aos vinte mil leitores de ponta-a-ponta!

HOJE houve merenda de mel. Do nosso mel. Ontem foi dia de o sacar do favos. Andava por aí uma dúzia de rapazes desfigurados da cara... Eram os mais curiosos e mais lambareiros. Aproximavam-se das colmeias e zás...! Pois hoje, tudo se remediou com uma grande merenda. E acabou. O restante fica para os doentes.

OCête teve de ir ó Porto aviar recados. *Piriquito* aproveitou a ocasião e dá-lhe uma lista de coisas necessárias à sua loja de barbeiro, com recomendação de ir por elas à Casa Tinoco. Ele não vai mais à Casa Tinoco. Ficou de tal forma envergonhado com a questão dos distintivos, que não tem cara de aparecer!

ERA de manhã. Eu estava na capela, em oração, e oiço o *Sapo* a berrar muito alto: *vou dizer a fulano* (eu). Aquela voz desesperada, vem-se aproximando, aproximando: *eu vou já dizer*. E disse. Entra pela porta da sacristia, vai aonde eu estava, toma a minha mão, leva-a à testa: *olhe que grande galo! Foi o Vieira!* Nem respeito pelo lugar, nem respeito pela pessoa, nem respeito pela hora de oração. Nada. Quem estiver à frente de obras da natureza d'esta, tem de se afazer a tudo. Antes do *Sapo*, tinha estado o *Xanxaxé* com um bilhete de alguém. Este fez precisamente como o outro companheiro, e se falou baixinho, é que não levava *galos*, senão tínhamos à certa o mesmo berreiro. Entrou sem pedir licença, sacudiu-me um braço e deu o recado. Nem respeito pelo lugar, nem respeito pela pessoa, nem respeito pela hora de oração. Nada.

Quer comais quer bebais, diz o Apóstolo, *fazei tudo em nome do Senhor*. Ao que se pode juntar também, — quer atureis o Sapo e Xanxaxé e outros, fazei tudo em nome do Senhor. Acho que esta é boa doutrina.

O Sapo apunha muitas por ser ciumento. Tem ciumes da sua obrigação. Não quer que nenhum rapaz entre nas suas capoeiras. Não quer que ninguém vá ós ovos. Há dias, armou um grande sarilho à beira do tanque aonde tinha ido lançar os patos. Era um dia de muito calor. Os *Batatas* queriam naturalmente chapinar. Pois Sapo não deixava. Andavam lá os patos! Por isso lhe fazem *galos*.

A NDAVA um cheiro esquisito no hospital. O nosso médico deu volta e topou a causa.

Era o *Piriquito*. *Piriquito* tinha dois coelhos num caixote. O cheiro vinha dali. Por não os querer misturar com outros coelhos de outros, na coelheira, resolveu escondê-los na sua loja! Agora ficou uma galinha. Uma galinha choca, a tirar garnizés. Todos os cuidados do rapaz giram à volta da sua galinha. E' que ele anda a juntar para um relógio, com a venda das aves. No domingo passado, foram duas, branquinhas; uma por 50\$ e outra por 10\$00! O rapaz é esperto. Perguntado sobre o preço, responde que não custam nada, maneira segura de apanhar mais!

Mas *Piriquito*, na ansia do relógio, procura outros negócios. Vendeu uma gilete ó Poeta por sete mil e quinhentos. Poeta não pagou logo... nem mais tarde por saber da comedela. A gilete não era dele. Era da casa. *Piriquito* ateima que tudo quanto vá para a loja é dele, e não é. E' nosso. E' para o nosso uso. Ora muito bem.

Notícias da Casa do Gaiato de Lisboa

1 Já é pela segunda vez que nos telefonam para aqui, a dizer que anda um rapaz pelo Estoril e Cascais a receber assinaturas do nosso jornal dizendo que é da Casa do Gaiato e assim se vai arrançando e comendo do bom e do melhor. Ele diz que é o *Piriquito*, talvez por ele ser o mais conhecido da Casa. Ele não é gaiato, é mas é um pantomineiro que apareceu em Paço de Sousa a pedir para lá ficar, mas o Pai Américo não pôde ficar com ele. O Pai Américo aproveitou a ocasião de virem alguns rapazes de Paço de Sousa para o Tojal e mandou-o para Vila Franca onde ele já tinha estado, mas ele fez a parte que desceu e veio até Lisboa. Andou por lá todo o dia e a altas horas da noite veio dormir cá a casa. O senhor Padre Adriano fez a mesma coisa mandou-o para Vila Franca e este novamente ficou em Lisboa a pedir as assinaturas do «famoso». Já anda nesta vida há mais de meio ano. Pedimos o favor aos nossos leitores que na vez de lhe darem o dinheiro mandem mas é prender.

2 As nossas galinhas estão a morrer todas com a peste que anda aqui pelos nossos lados. Eram perto de trinta

galinhas, mas agora só temos cinco e já é muita sorte que estas escapem porque já andam atacadas.

Ainda bem que não chegou ós patos senão eram mais cinquenta bicos que nós perdíamos. Veio cá o senhor Veterinário e disse para nós desinfectarmos as capoeiras uns poucos de dias a seguir, e receitou um remédio, que um senhor do Ministério da Agricultura quis pagar.

3 Foi-se embora o Constantino que era o nosso cozinheiro para Paço de Sousa. Quem ficou a substituí-lo foi o Ernesto, aquele que cortou o dedo há dias. Como é muito pequeno diz para a senhora que quer um escadote para chegar ao fogão. Aqui há dias também se chegou ao pé dum qualquer a dizer que os homens antigos sempre eram muito parvos, pois para trazerem a água para a casa, fizeram mais de cem arcos para o aqueduto, tão altos, só por não saberem uma palavra. — Então, perguntou-lhe o outro, que palavra era essa. — E' que a água *subia*. Este rapaz tem o nome de mestre das sentenças, porque de vez em quando sai-se com uma sentença.

4 Sempre valeu a pena falar no azeite. Uma reparição de Lisboa, mandou-nos lá ir buscar duzentas garrafitas dele. São quase 25 litros que se gastam num instante.

5 O Manuel pedreiro aqui há dias pediu um fato, dos que cá estavam, ao senhor Padre Adriano, para o mandar

virar e arranjar para ele. Mandou-o fazer em Bucelas a uma costureira e todas as vezes que lá ia tomar as medidas perguntava sempre pelo preço, porque julgava que não tivesse dinheiro que chegasse. Quando ia para buscar o fato o senhor Padre Adriano deu-lhe duzentos escudos, mas ele ia com medo que não chegasse. Levou os duzentos escudos e ainda trouxe cento e oitenta escudos. A costureira levou só vinte escudos e é pobre.

Além desta esmola da costureira tem vindo mais coisas. As mais importantes delas todas foi uma máquina de escrever *Invicta* que é com certeza a melhor do mundo, foi o Montepio que a descobriu.

Num desses dias fui à casa C. Santos, a que nos deu o *Overlande*, buscar 250\$00 duma rifa e uma lata com tinta, o Manteigas também foi a Lisboa levantar um vale de 220\$00 e outro de 370\$00 e da outra vez foi a Loures receber um cheque de 300\$00 e outro de 1.000\$00. Têm cá vindo visitar e deixam ora 20\$00 ora 50\$00. Outros dão livros e roupas usadas e brinquedos conforme calha, só uma visita é que deixou 500\$00 e disse que é para uma pedra.

No número passado o Pai Américo pediu 50.000\$00 para bois, carros, charruas e vacas, só respondeu uma senhora que deu 1.000\$00 para uma vaca leiteira. Na semana que vem o *Overlande* vai outra vez a Lisboa buscar azeite e mais embrulhos do Montepio.

As novas camaratas estão prontas mas não vem mais gaiatos enquanto não nos derem lençóis, cobertores e colchas para as camas.